

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT18.002

O PATINHO FEIO: CONTRIBUTOS DO CONTO PARA O ENSINO DA COMPETÊNCIA SOCIOEMOCIONAL EMPATIA

Josiane do Nascimento da Silva Vieira¹

RESUMO

Os contos de fadas encantam e emocionam, divertem e ensinam. A dualidade entre os opostos inconciliáveis é uma constante: o bem e o mal, a luz e as trevas. A leitura de contos de fadas constitui-se como uma atividade educativa, a qual sempre traz consigo um ensino, uma transmissão de saberes que podem ser do campo cognitivo, afetivo ou de ambos. Podem contribuir para o fortalecimento da imaginação, da criatividade, da formação do sujeito e, potencialmente, podem favorecer o ensino de competências socioemocionais, que são o conjunto de habilidades que desenvolvemos para lidar com nossas emoções e com os desafios diários. Nossa pesquisa objetiva analisar os contributos do conto O Patinho Feio para o ensino da competência socioemocional empatia. Buscamos responder a seguinte indagação: quais as contribuições do conto O Patinho Feio no ensino da competência socioemocional empatia? Definiu-se como aporte metodológico a pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica descritiva. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados o grupo focal e tivemos como participantes estudantes do 5º ano de uma escola pública da cidade de Quixadá-CE. Tem-se como principais autores da pesquisa: Amarilha (1997), Pereira (2002), Colomer (2007), Goleman (2012), Fonte (2019), Cosson (2020; 2021) dentre outros. Os achados indicam que empatia é uma aptidão pessoal, uma habilidade que nos permite compreender, ainda que não estejamos de acordo, o ponto de vista de outras pessoas demonstrando que as estamos

¹ Mestra em História e Letras (FECLESC/UECE), graduada em Letras Português e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (FECLESC/UECE). Professora dos anos iniciais. E-mail: josiane.silva@aluno.uece.br.

entendendo. Viu-se que para criar cidadãos sem preconceitos, é preciso começar a educá-los desde crianças, ensinando-lhes sobre o respeito ao diferente por meio de máximas morais, contos e narrativas que instiguem avaliações e conclusões de que todas as pessoas merecem respeito e tratamento digno e que ensinar crianças e jovens que a diversidade é extremamente benéfica é de responsabilidade nossa enquanto sociedade, enquanto educadores e enquanto família.

Palavras-chave: Competência Socioemocional, Empatia, Conto de Fadas.

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas, como conhecemos hoje, surgiram na França, no final do século XVII, com Charles Perrault (1628-1703). O escritor editou as narrativas (contos e lendas) da Idade Média que eram contadas pelos camponeses; como possuíam muitas passagens obscenas, de conteúdo sexual, incestuoso e canibal, Perrault retirou essas passagens, adaptando então essas histórias para o universo infantil, constituindo assim os contos de fadas que temos atualmente.

Autor de contos como “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Gato de Botas”, “A Bela Adormecida”, dentre outros, Perrault é conhecido como o pai da literatura infantil por ser o primeiro a dar acabamento literário a esse tipo de literatura (Vieira, 2023).

A esse respeito, Cademartori (2017) afirma que no século XIX, uma coleta de contos populares é realizada, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (*João e Maria, Rapunzel*), alargando a antologia dos contos de fadas. Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Christian Andersen, autor de contos como *O patinho feio*, *Os trajes do imperador*, o italiano Collodi, autor de *Pinóquio*, o inglês Lewis Carroll (*Alice no país das maravilhas*), o americano Frank Baum (*O mágico de Oz*), o escocês James Barrie (*Peter Pan*) constituíram padrões de literatura infantil. Questões relativas à obra de Charles Perrault, frequentemente apontado como o iniciador da literatura infantil, vinculam-se a pontos básicos da questão da natureza do gênero como, por exemplo, a preocupação com o didático e a relação com o popular. (Cademartori, 2017).

O trabalho de Perrault é o de um adaptador. Ele parte de um tema popular, trabalha-o, acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe burguesa, para a qual pretende endereçar seus contos. Além dos propósitos moralizantes, que não corresponde com a camada popular que os gerou, mas com os interesses pedagógicos burgueses, observam-se as seguintes temáticas: referências à vida na corte, como pode ser visto em “A bela adormecida”; à moda feminina, em “Cinderela”; ao mobiliário, em “O Barba Azul” (Cademartori, 2017).

Os contos de fadas encantam e emocionam, divertem e ensinam. A dualidade entre os opostos inconciliáveis é uma constante: o bem e o mal, a luz e as trevas. A leitura de contos de fadas constitui-se como uma atividade educativa, a qual sempre traz consigo um ensino, uma transmissão de saberes que podem ser do campo cognitivo, afetivo ou de ambos. Podem contribuir para o fortalecimento da imaginação, da criatividade, da formação do sujeito e, poten-

cialmente, podem favorecer o ensino de competências socioemocionais, que são o conjunto de habilidades que desenvolvemos para lidar com nossas emoções e com os desafios diários.

Desse modo, esta pesquisa objetiva analisar os contributos do conto “O Patinho Feio” para o ensino da competência socioemocional empatia. Buscamos responder a seguinte indagação: quais as contribuições do conto “O Patinho Feio” no ensino da competência socioemocional empatia?²

Fonte (2019), Bonfante (2019), Goleman (2012) dentre outros são categóricos ao afirmar que competências socioemocionais são aprendidas. Elas estão relacionadas ao modo como nos comportamos e nos relacionamos, com nossa tomada de decisão, enfrentamento a situações adversas e nossas emoções é que fazem a mediação de tudo isso. Podemos aprender essas habilidades socioemocionais, logo, elas podem ser ditadas para nos espelharmos dentro de situações em que executá-las seja adequado.

METODOLOGIA

Para a realização desta investigação, adotamos uma abordagem qualitativa, pois segundo Gil (2010), esse tipo de pesquisa responde a questões muito particulares, se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado; trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

A pesquisa configura-se como descritiva, pois conforme salienta Toledo e Gonzaga (2011), esse tipo de pesquisa se destina a descrever um determinado fenômeno ou objeto mais conhecido. Está direcionado a sistematizar dados oriundos de questionários ou de observações dirigidas sobre fatos e fenômenos já estudados.

Como instrumento de coleta de dados, optamos pelo grupo focal, cuja essência consiste na interação do pesquisador com os participantes (Pelicioni; Pelicioni, 2001). O lócus da pesquisa foi uma escola pública, da cidade de

2 Esta pesquisa é parte dos resultados de minha dissertação intitulada: “A leitura literária como estratégia pedagógica para o ensino de competências socioemocionais e compreensão de emoções básicas”, do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL), da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e foi realizada em uma escola pública da cidade de Quixadá-CE, em uma turma de 5º ano dos anos iniciais.

Quixadá-CE, numa turma de 5º ano dos anos iniciais. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética sob o seguinte número de parecer: 5.601.148.

Conforme estabelecido no Termo de Assentimento de Crianças (TAC), os nomes dos alunos, participantes da pesquisa, não seriam revelados. Assim, nomeamos cada criança da seguinte forma: TIANA, MOANA, EMÍLIA, O MENINO MALUQUINHO, NARIZINHO, SININHO, MALÉVOLA, TIA ANASTÁCIA, DONA BENTA, PETER PAN, PINÓQUIO, CHAPELEIRO, FIONA, BELA, ARIEL, ELSA, MÔNICA, MAGALI, DOROTHY, MULAN e MAFALDA. Os principais autores que nos subsidiaram foram: Amarilha (1997), Pereira (2002), Colomer (2007), Goleman (2012), Fonte (2019), e Cosson (2020; 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na seguinte seção apresentamos uma discussão sobre literatura infantil e competências socioemocionais, evidenciando possibilidades de uma articulação entre elas. Discorreremos sobre como surgiram os contos de fadas, bem como o que são e quais as contribuições de aprender e desenvolver as competências socioemocionais, além de apontar as contribuições da literatura infantil nesse processo.

LITERATURA INFANTIL E COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

A leitura é fundamentalmente importante na vida do indivíduo. Um bom leitor não se caracteriza unicamente por ler corretamente, por fazer as pontuações de forma correta ou ter uma boa entonação enquanto lê. Podemos dizer que um bom leitor, antes de mais nada, é aquele que gosta de ler, que tem na leitura uma prática prazerosa. Ele ler com objetivos, entende o que está sendo lido, consegue contar oralmente ou graficamente sobre o que leu; faz com atenção e ao final sente aquela necessidade, aquela alegria de partilhar com alguém sobre a obra lida.

O gosto pela leitura literária pode ser adquirido na escola, já que é o local onde a criança passa a maior parte de sua vida e é nessa instituição que o indivíduo estabelece uma relação íntima com os livros ou pelo menos deveria estabelecer. Em Brasil (2010) vemos que:

A escola é a instituição em que as práticas de leitura são mais sistematizadas, mas os textos que aí se garimpam não devem apenas

se pautar pelo caráter didático. Assim, propõe-se no ensaio uma prática de leitura em consonância com aquelas práticas desenvolvidas na vida social, tornando mais significativa mais viva e dinâmica a ação pedagógica (Brasil, 2010, p. 10).

O prazer de ler, descobrir novos personagens, mergulhar no mundo da magia, desvendar o desconhecido é reforçado por pais e professores, quando estes envolvem a criança no mundo imagético; quando pais e/ou responsáveis leem para as crianças em algum momento do dia, uma atmosfera de imaginação sem limites lhes é proporcionada.

É importante destacar que a leitura literária em ambiente colegial não deve ser vista apenas como uma atividade escolar a ser realizada de maneira descontextualizada e mecânica, mas como atividade indispensável que precisa ser desde cedo significativa.

Fanny Abramovich, na obra “Literatura Infantil Gostosuras e Bobices” (1997) alerta para isso destacando:

Quando se vai ler uma história – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazendo ponto final quando aquela ideia continuava, deslizante, na página ao lado [...] (Abramovich, 1997, p.20).

Ressaltamos que essas ocorrências podem fazer com que não seja despertado na criança o prazer ou interesse pela leitura, pois tal atividade sem planejamento não será envolvente e assim os pequenos leitores serão distanciados dos reais objetivos da leitura literária.

Em Andar entre livros, Teresa Colomer (2007) diz que

Qualquer modelo de ensino literário se caracteriza pela forte inter-relação que estabelece entre seus objetivos, seu eixo de programação, o *corpus* de leitura proposto e as atividades escolares através das quais o ensino se desenvolve (Colomer, 2007, p.19).

Desse modo, compreendemos que para um ensino satisfatório no tocante à leitura literária é de suma importância o estabelecimento de objetivos e

Colomer (2007) estabelece alguns deles. O primeiro é a formação do leitor literário. A autora destaca:

Formar os alunos como cidadãos da cultura escrita é um dos principais objetivos educativos da escola. Dentro desse propósito geral, a finalidade da educação literária “pode resumir-se à formação do leitor competente” segundo a definição do Seminário da Ricerca DILIS, na Itália, 1986 (Colomer, 2007, p.30).

Diante do exposto podemos questionar: o que significa ser um leitor literário competente? Compreendemos que essa competência está envolta no prazer de ler e de descobrir novas realidades, novos horizontes, novos mundos. Além disso, ele sabe transformar a informação adquirida em conhecimento. O leitor competente, acreditamos, consegue ler além do que está escrito, ele lê nas entrelinhas.

Acreditamos que esse tipo de leitor sabe buscar textos de acordo com suas expectativas e horizontes e seleciona as obras a partir de suas preferências, sabe onde procurar esses livros e demais materiais de leitura, sabe onde se encontram bibliotecas, livrarias e frequenta esses ambientes, troca suas impressões com outros leitores, é receptivo a novos textos e desse modo seu horizonte de expectativas é ampliado.

Colomer (2007) ainda acrescenta que:

Na prática escolar é evidente que a leitura literária acessível aos alunos ganhou espaço nas aulas. Na pré-escola e no primário a presença de livros para crianças se acha em consonância com determinados objetivos escolares, que têm a vantagem de ser percebidos e aceitos com clareza por todos. Os professores sentem-se seguros ao afirmar que ler livros com os meninos e as meninas ajuda a que se familiarizem com a língua escrita, facilita a aprendizagem leitora e propicia sua inclinação para a leitura autônoma (Colomer, 2007, p.33).

Diante do exposto, atribuímos como sendo o segundo objetivo da leitura literária a familiaridade com a língua escrita, a facilitação na aprendizagem leitora além da propensão para uma leitura independente.

Um outro objetivo da leitura literária conforme destaca Colomer (2007) parafraseando o jornalista, escritor e poeta italiano Gianni Rodari é o de que “não se ensina literatura para que todos os cidadãos sejam escritores, mas para que nenhum seja escravo” (p.35).

Desse modo, compreendemos que a leitura literária ocupa um lugar extremamente importante em nossa sociedade pois é um instrumento de empoderamento cognitivo, social, simbólico e emocional.

Laís Barbosa em “Caminhos da leitura literária na educação infantil” (2019) destaca:

A literatura contribui para a formação do aluno em todos os aspectos especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence (Barsosa, 2019, p.25).

A autora acrescenta que na escola, o responsável por estimular a fantasia e imaginação da criança é o professor e os livros são os instrumentos para este fim; para tanto, é necessário oferecê-los por meio de boas mediações e textos literários com qualidade e assim a leitura será vinculada ao belo, ao prazer e ao lúdico.

Lúria (2013) diz que quando uma criança lê um livro literário, a linguagem ali expressa não é apenas um meio de comunicação; é um veículo para a reapresentação do mundo. Assim sendo, a leitura de um livro literário feita por crianças contribuirá para o desenvolvimento de sua mente, pois opera na formação de conceitos e na representação de mundo, tornando-as mais humanas.

O exercício da leitura contribui para o conhecimento do mundo a partir do senso de nós mesmos e de nossa relação social. Por meio dela somos incentivados a expressar o mundo existente em nós e a incorporar o outro sem que com isso nossa identidade se comprometa. Ela é instrumento de autoconhecimento, de humanização, é comunicação, é linguagem e emoção. É a arte das palavras. Potencialmente, pode contribuir para o ensino e desenvolvimento de competências socioemocionais, sobre as quais discorreremos na próxima seção.

AS COMPETENCIAS SOCIOEMOCIONAIS

Vivemos em uma sociedade competitiva, norteadada pela busca do sucesso; desde cedo exige-se que a criança se esforce para se adaptar ao ritmo acelerado da realidade e das aprendizagens nela contidas. A criança precisa saber fazer e aprender a conhecer, que constitui a capacidade acadêmica cognitiva e, também aprender a ser e viver com os outros que caracteriza o conhecimento

das suas emoções e das emoções dos outros³. Neste caso, tanto o saber cognitivo quanto o emocional são de fundamental importância para a formação integral do aluno.

Goleman (2012) na obra *Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária que Redefine o que é Ser Inteligente* fala sobre o SEL – Aprendizado Social Emocional, programa oferecido em dezenas de milhares de escolas em todo o mundo. De acordo com o programa, nos primeiros anos do ensino fundamental os alunos devem aprender a reconhecer e classificar seus sentimentos com precisão e como eles os levam a agir. Nas séries do segundo ciclo fundamental, atividades de empatia devem tornar a criança capaz identificar os signos não verbais, afim de perceber como a outra pessoa se sente; nos últimos anos do ciclo fundamental elas devem ter a capacidade de analisar o que lhes gera estresse e o que lhes motiva a ter desempenhos melhores. Por fim, no ensino médio, as habilidades de SEL incluem ouvir e falar de modo a solucionar conflitos ao invés de intensificá-los e procurar saídas em que todos ganhem.

O autor ressalta os grandes benefícios que o programa proporciona às crianças das escolas que o adotam. Dentre esses benefícios ele destaca: progresso no desempenho acadêmico, diminuição de ocorrência de mau comportamento, aumento na porcentagem de presença além de apresentar comportamento significativamente mais positivo.

Goleman (2012) aponta a importância de ensinar às crianças o alfabeto emocional e reforça:

Tal como ocorre hoje nos Estados Unidos, o ensino brasileiro poderá se beneficiar com a introdução, no currículo escolar, de uma programação de aprendizagem que, além das disciplinas tradicionais, inclua ensinamentos para uma aptidão pessoal fundamental – a alfabetização emocional (Goleman, 2012, p. 19).

A alfabetização emocional permite ampliar nossa visão acerca do que é a escola, compreendendo-a como um agente da sociedade encarregado de verificar se as crianças estão obtendo os ensinamentos fundamentais para a vida. Esse projeto maior exige, além de qualquer coisa específica no currículo, o

³ Em consonância com os pilares da educação do século XXI, financiada pela UNESCO e coordenada por Jacques Delors. Composta por mais 14 especialistas, provenientes de todas as regiões do mundo, atuantes em diferentes campos culturais e profissionais, tinham o objetivo de refletir sobre a educação e a aprendizagem no século XXI. Disponível em: <https://bityli.com/tpgQw>. Acesso em: 07 de setembro de 2024.

aproveitamento das oportunidades, dentro e fora das salas de aula, para ajudar os alunos a transformar momentos de crise pessoal em lições de competência emocional (Goleman, 2012).

Pereira (2002), por sua vez, destaca que por alfabetização emocional entende-se:

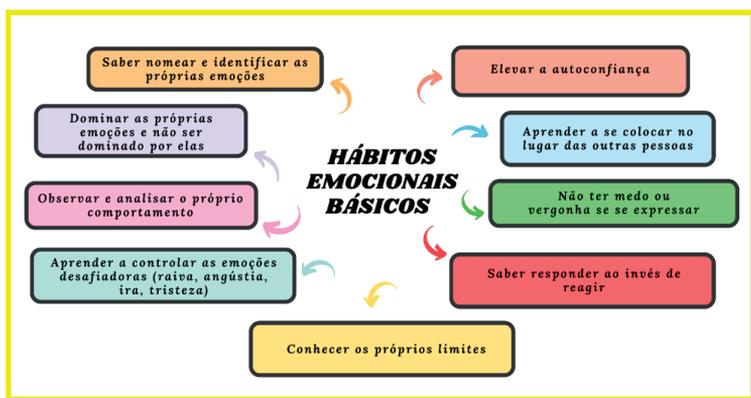
[...] o conjunto de habilidades necessárias ao ser humano para compreender, gerenciar e expressar os valores e aspectos sociais e emocionais da vida e que permitem o manejo bem-sucedido de tarefas da vida, tais como: formação de relacionamentos, solução de problemas do dia-a-dia e adaptação às complexas demandas e exigências do crescimento e desenvolvimento (Pereira, 2002, p.5).

Desse modo, as escolas devem preparar seus alunos não só para a vida profissional, mas também pessoal contribuindo na formação de cidadãos motivados, críticos e pensantes, que saibam lidar com suas emoções, seus medos e raivas mesmo estando frustrados.

As lições emocionais que aprendemos na infância, seja em casa ou na escola, modelam os circuitos emocionais, tornando-os mais aptos – ou inaptos – nos fundamentos da inteligência emocional. Isso significa que a infância e a adolescência são ótimas oportunidades para determinar os hábitos emocionais básicos que irão governar nossas vidas (Goleman, 2012, p.25).

Por hábitos emocionais básicos compreendemos:

Figura 1 - Hábitos emocionais básicos



Fonte: Elaborado pela autora

Trabalhar os sentimentos e as relações humanas é visto muitas vezes como perda de tempo; o que importa é aprender os nomes dos planetas, os movimentos de rotação, translação; é aprender a resolver problemas matemáticos e regras de português. Enquanto isso vamos formando crianças e jovens hipersensíveis, insensíveis e alienados (Vieira, 2023).

Paty Fonte (2019), em “Competências Socioemocionais na escola” propõe:

Nas escolas e universidades precisamos valorizar mais o sentimento, aprender a lidar com eles, respeitando as diferenças, olhando o outro com carinho e não com impaciência ou desprezo, dia após dia, em pequenas ações, em exemplos reais e concretos (Fonte, 2019, p. 23).

Tanto Fontes (2019) quanto Goleman (2012) ressaltam a importância do desenvolvimento das competências socioemocionais no âmbito escolar e os dois são categóricos quanto a um detalhe: realizar esse trabalho na mais tenra idade.

Goleman (2012) assevera que as pessoas com prática emocional bem desenvolvida têm mais probabilidade de se sentirem satisfeitas e de serem eficientes em suas vidas, dominando os hábitos mentais que fomentam sua produtividade; as que não possuem controle sobre sua vida emocional travam batalhas internas que sabotam a capacidade de concentração no trabalho e a lucidez de pensamento.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2020), é um documento que determina as competências gerais e específicas, bem como as habilidades e aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver durante cada etapa da educação básica, traz dez competências gerais, a saber: Conhecimento, Pensamento científico, crítico e criativo, Repertório cultural, Comunicação, Cultura digital, Trabalho e projeto de vida, Argumentação, Autoconhecimento e autocuidado, Empatia e cooperação, Responsabilidade e cidadania.

Dessas dez competências, quatro delas, de modo mais específico, proporcionam um direcionamento ao ensino de competências e habilidades socioemocionais, as quais buscam contribuir para que o aluno possa pensar, nomear e refletir sobre seus sentimentos, seja na escola ou fora dela.

As competências socioemocionais não são inatas; não há um sorteio para saber quem nasce ou não com elas, portanto, podem ser adquiridas, ensinadas e aprendidas ao longo da vida. Acreditamos que um dos caminhos para

essa aprendizagem pode ser através da literatura, que, conforme aponta Afrânio Coutinho (1978): “A Literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso [...] (p. 8)”.

É muito comum confundir emoção com competência socioemocional. A palavra emoção deriva do latim *emotio*, que quer dizer “movimento”, “impulso”. Assim sendo, as emoções são estados afetivos, são reações particulares que nos movem, nos impulsionam. São variáveis e podem aparecer subitamente e em diferentes graus de intensidade. De acordo com Llenas (2015), elas são, em geral, mais fortes, porém menos duradouras que os sentimentos.

Campos, Campos e Barret (1989) definem emoção como “processos de estabelecer, manter ou interromper as relações entre a pessoa e o ambiente interno e externo, quando tais relações são significativas para o indivíduo” (p.395), e Crespo (2015) afirma que as emoções são contributos naturais que o homem pode colocar ao serviço da sua criatividade, ao mesmo tempo que as expressões artísticas resultantes atuam como excelentes meios terapêuticos nas perturbações emocionais e no equilíbrio entre o meio interno e externo.

Damásio (2000), por sua vez, pleiteia que emoção significa “movimento para fora”, ou seja, faz parte de um processo necessário que se manifesta em forma de comportamento. Sintetizando, sentimento é uma “experiência mental privada de uma emoção” e emoção é “o conjunto de reações, muitas delas publicamente observáveis” (p. 64).

As competências socioemocionais possibilitam que os indivíduos tomem consciência de suas emoções, reconheçam-nas e saibam administrá-las de modo a antever impulsos, evitando comportamentos prejudiciais a si e ao seu entorno.

Acreditamos que a literatura pode possibilitar essa mediação, pois, conforme destaca Paiva (2010):

A leitura literária é essencial não apenas para a formação do leitor, mas para formação do ser humano que é a razão maior de toda educação – é sobre essa formação, em última instância, que trata a tradição do ensino da literatura (Paiva, 2010, p. 67).

Há diversas práticas de leitura literária com as quais podemos estimular e ensinar competências socioemocionais para as crianças das séries iniciais como as trazidas por Cosson (2020). A exemplo o autor traz *A Leitura meditativa* na

qual a leitura que fazemos não é para encontrarmos os sentidos do texto, mas para que esses sentidos nos inspirem uma reflexão. “É uma leitura que remete às práticas de meditação da Antiguidade e da Idade Média, usadas para a cura das inquietações da alma e as dores do corpo” (p.102).

Outra prática trazida pelo autor e muito conhecida é *A hora do conto* que consiste em reunir as crianças em torno do professor para que ele lhes conte uma história.

O *Coro falado* é mais uma estratégia proposta por Cosson (2020) que estimula a prática da leitura literária em sala de aula. Nessa proposta as crianças fazem uma recitação conjunta de um poema ou texto narrativo com ou sem acompanhamento musical. Cabe ressaltar que tais propostas devem ser realizadas tomando como base literatos que potencializem as competências socioemocionais, nesse caso, devem abordar temáticas nesse tocante.

É importante enfatizar que nenhuma dessas estratégias devem ser realizadas de qualquer forma, sem planejamento, como um passa tempo, pois se assim for, os benefícios que elas trazem não serão aproveitados. Para uma atividade efetiva é necessário planejamento e organização.

Por meio da leitura literária a criança pode ser colocada em diversas situações no contexto emocional: colocar-se no lugar de determinado personagem, ser levada a sentir o que o personagem sentiu, expressar suas emoções por meio de desenhos, expressões corporais e faciais, recontar uma história sob o olhar de outro personagem são algumas das diversas formas de utilizar a leitura literária para fortalecer as competências socioemocionais. Na próxima seção veremos de que modo uma mediação com o conto “O Patinho Feio” pode contribuir para o ensino da competência socioemocional empatia.

“FALAVAM QUE O PATINHO ERA FEIO, NÃO QUERIAM BRINCAR COM ELE E ATÉ LHE DAVAM BICADAS” - MEDIAÇÃO DA OBRA O PATINHO FEIO PARA O ENSINO DA COMPETÊNCIA SOCIOEMOCIONAL EMPATIA E COOPERAÇÃO

Para esta mediação, optamos pelo uso da sequência básica de letramento literário, proposta por Rildo Cosson (2021) em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A etapa da motivação é o primeiro passo da sequência básica de letramento literário. É o momento de preparar o aluno para adentrar no texto. A segunda etapa é a introdução, a qual consiste em apresentar o autor e a obra que será trabalhada. “A apresentação física da obra é também o momento em

que o professor chama a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem a obra” (Cosson, 2021, p. 60).

Denominado de leitura, o terceiro passo dessa sequência é o momento destinado para a leitura da obra. Por fim, o último passo é a interpretação, na qual se expõe as ideias, entendimentos, observações e inquietações acerca da obra lida.

A mediação sobre empatia aconteceu numa tarde de quinta-feira, no ano de 2022. Para esse encontro traçamos os seguintes objetivos: (1) fazer inferência e levantar hipóteses do assunto do livro a partir do título e da capa; (2) expressar-se oralmente com clareza, usando a palavra com tom de voz audível e boa articulação; (3) compreender o que é empatia e suas formas de manifestação; (4) realizar a atividade.

Empatia é a nona competência geral apresentada na BNCC (Brasil, 2020), a qual orienta que o aluno deverá ser capaz de:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2020, p. 10).

Iniciamos o encontro perguntando como os alunos estavam se sentindo. Eles disseram que estavam bem. Em seguida, já na etapa de motivação, perguntamos aos alunos se eles sabiam o que era empatia, se já tinham ouvido essa palavra antes. Nenhuma das crianças soube responder com precisão. Passamos um vídeo disponível na plataforma *YouTube* e, em seguida, perguntamos o que eles entendiam por empatia a partir da explicação do vídeo, e eles responderam:

EMÍLIA: Entendi que é quando a gente consegue se colocar no lugar das outras pessoas;

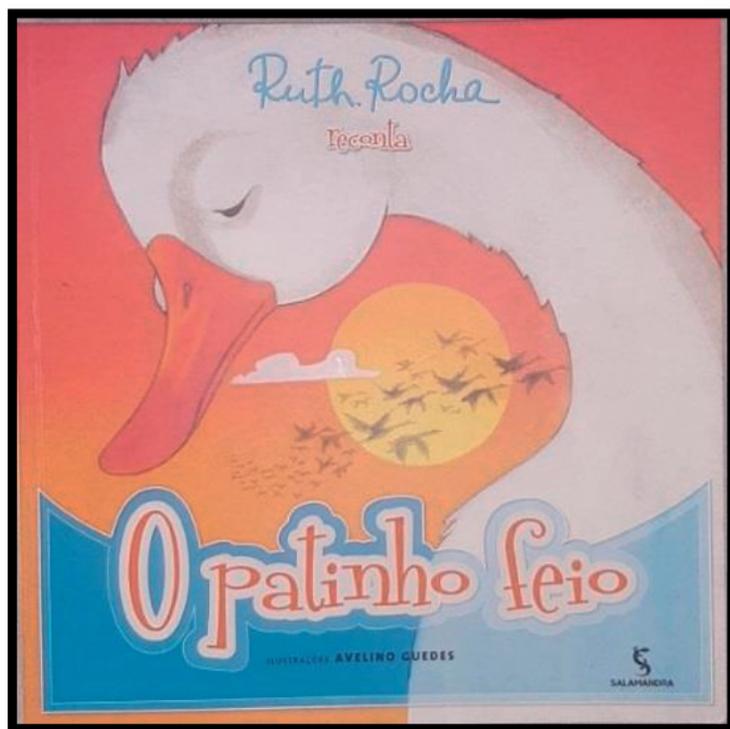
NARIZINHO: É quando a gente se coloca no lugar do outro e sente o que a pessoa sente como se estivesse na mesma situação;

MAGALI: É quando temos a capacidade de ajudar, de oferecer ajuda até mesmo quando a pessoa não pede. Às vezes a pessoa precisa de ajuda, mas tem vergonha de pedir. Quando a gente tem empatia a gente pode perceber que a pessoa está precisando e a gente vai lá e ajuda (Respondentes, 2022).

Após esse momento, apresentamos uma tarjeta com a definição da palavra, a qual destacava que empatia é a habilidade que nos permite compreender, ainda que não estejamos de acordo, o ponto de vista de outras pessoas e demonstrar que estamos entendendo. Segundo Goleman (2012), a empatia é uma aptidão pessoal. Ele diz que pessoas empáticas estão mais sintonizadas com os sinais de mundo mais sutis, os quais indicam o que os outros precisam ou querem.

Após apresentar oficialmente o conceito de empatia, falamos que essa era a competência com a qual iríamos trabalhar: *empatia*, e, em seguida, na etapa de introdução, apresentamos a obra literária e a autora com a qual iríamos trabalhar naquele dia. Abaixo segue capa, bem como o resumo da história:

Figura 2 – Capa do livro “O Patinho Feio”



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Quadro 1 – Resumo da obra “O Patinho Feio”

O Patinho Feio narra a história de um cisne que acidentalmente vai parar no ninho de uma pata. Quando nasce, todos estranham sua aparência que não era em nada parecida com nenhum de seus irmãos. Por ter essa aparência fora do comum, ele sofre muita discriminação, maus-tratos e humilhações até descobrir que ele, na verdade, não era um pato, mas um lindo cisne.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quando apresentamos a capa e eles leram: “O Patinho Feio” demonstraram descontentamento. PETER PAN disse: “Não somos mais criancinhas”; MÔNICA disse: “Por que a tia não escolheu uma obra que a gente não conhecesse?”. Expliquei que a história do Patinho Feio foi publicada a primeira vez em 1843 pelo escritor dinamarquês Hans Christian Andersen e que, mesmo tendo sido escrita há tanto tempo, ainda era pertinente nos dias atuais por nos permitir abordar temas que nos fazem refletir sobre diversas questões sociais (aceitação, racismo, violência, respeito, empatia) além de nos fascinar e estimular a fantasia, a imaginação, nos emocionar e nos divertir. Chalita (2003) aponta que:

O conto é rico em elementos e informações variados que nos levam a questionar, a analisar, a debater e a refletir sobre os significados presentes na saga do pequeno protagonista. Um protagonista ímpar porque representa um herói às avessas, rejeitado por todos, a começar pela mãe, pelos irmãos e pelos membros da comunidade onde nasceu. Todos execram sua aparência, sua personalidade e os trejeitos que o tornam diferente, único, irreconhecível aos olhos da maioria. O patinho é considerado um estranho, um representante do desconhecido, um modelo de excepcionalidade, um ícone do sujeito intruso que ameaça à ordem e os costumes estabelecidos (Chalita, 2003, p. 170-171).

Para o autor, a riqueza da história de Andersen reside na capacidade de nos tocar profundamente, de despertar em nós sentimentos de: amor ao próximo, solidariedade e respeito às diferenças. Quando entendemos o sofrimento do patinho, é incutida em nós a necessidade de “cuidar, de amar, de dedicar atenção a quem precisa, a quem está desamparado, carente, desprovido de apoio, deslocado, perdido, fora do ninho” (Chalita, 2003, p. 170).

Explicamos para a turma que na obra havia um diferencial e pedimos que eles identificassem a autora da obra e lessem o que estava escrito logo abaixo de seu nome. Eles identificaram: Ruth Rocha **Reconta**. Perguntamos o que esse “reconta” significava. As respostas foram as que seguem:

MALÉVOLA: É quando a gente conta do nosso jeito uma coisa que outra pessoa contou;

MAFALDA: É quando contamos uma coisa novamente;

O MENINO MALUQUINHO: É quando contamos novamente do nosso jeito uma história que já existe;

CHAPELEIRO: no caso da Ruth Rocha, ela está contando do jeito dela a história do Patinho Feio que o escritor original contou no passado. (Respondentes, 2022).

Após ouvir os alunos, reforçamos que, quando recontamos uma história, deixamos nossa marca, nosso toque e foi o que Ruth Rocha fez. Ela recontou a história, por isso deveríamos permitir um novo olhar sobre ela, mesmo já conhecendo algumas versões. Apresentamos a capa da obra e perguntamos não o que eles achavam que a história iria contar, mas por que colocaram aquele título e se eles concordavam com ele. Eles disseram que:

EMÍLIA: Na história, o patinho era chamado de feio porque, quando ele nasce, ele é bem diferente dos outros patos porque, na verdade, ele é um cisne. Eu não concordo com o título, porque o patinho era diferente, ele não era feio;

O MENINO MALUQUINHO: O título é porque o patinho, na visão dos outros animais, era feio, só que, quando ele cresce, a gente vê que ele ficou lindo não só porque ele cresceu, mas porque ele estava no meio de outros cisnes, ou seja, de quem era igual a ele, por isso eu não concordo com esse título;

PETER PAN: Eu acho que esse título fala sobre a diferença do patinho. Às vezes, quando alguém é diferente de nós, a gente acha estranho mesmo, não que esteja certo, né.

DOROTHY: Colocaram esse título para dizer que o patinho era feio porque ele era estranho, aliás, estranho não, diferente. Ele era desajeitado. Eu assisti ao filme uma vez. O ovo do cisne cai no ninho da pata por acidente. Acho que o título poderia ser "Um ovo estranho no ninho da pata".

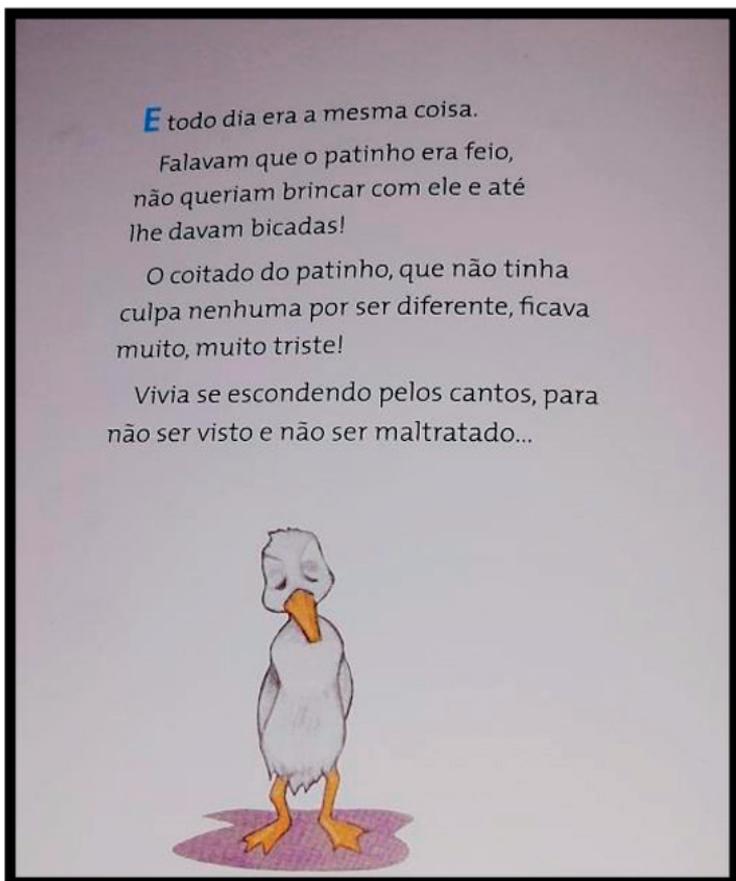
SININHO: Esse título pode ser também para nos fazer refletir sobre nossas diferenças que todos temos e nem por isso a gente é feia. (Respondentes, 2022).

Para Chalita (2003), o conto mostra as desventuras e os infortúnios vividos por um ser diariamente diminuído, com baixa autoestima, enfraquecido por desconhecer sua verdade interior, sua essência, sua beleza própria e singular. Ao rejeitar o patinho unicamente por ter uma aparência diferente, as personagens do conto expõem o protagonista ao ridículo, ao descrédito, à destruição gradativa de sua autoconfiança e de suas perspectivas de futuro.

Após esse momento, a leitura da obra foi feita por mim, uma vez que só havia disponível um exemplar da obra. Foi uma leitura pausada. Em algumas passagens, foi instigada a interpretação imagética dos alunos. Pedi para que eles nomeassem as emoções do patinho em algumas cenas; em outros momentos, perguntei como eles se sentiriam se fossem eles na situação do patinho.

A exemplo, destaco a página 12:

Figura 3 – Página 12 do livro “O Patinho Feio”



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Nesse momento, perguntei se os alunos já haviam passado por alguma situação em que eles se identificaram com aquele personagem. TIANA fez o seguinte desabafo:

Muitas vezes, me senti como o patinho feio. Já riram de mim, aqui mesmo na escola por causa do meu cabelo, da cor da minha pele. Eu me senti muito triste. Às vezes, eu ficava mesmo pelos cantos. O preconceito dói, machuca. Já me chamaram de coisas muito feias, então eu posso dizer que sei exatamente o que o patinho pode ter sentido (Tiana, 2022).

A respondente em questão é uma criança negra, de cabelo crespo e externou os preconceitos que já sofreu. Após sua fala, algumas de suas colegas foram

ao seu encontro e a abraçaram e, quando percebi, praticamente toda a turma se juntou em um abraço coletivo que acolheu a respondente.

A esse respeito, Chalita (2003) diz:

Na história, como na vida real, o preconceito de cor, gênero, credo ou classe social prescinde de lógica e de racionalidade para se estabelecer. Não há alegação plausível, não há diálogo, não há, por parte das pessoas intolerantes com o diferente, a capacidade de refletir sobre a importância do outro como peça fundamental do jogo social. Um jogo que necessita, acima de tudo, das relações de troca, de amizade, de interesses compartilhados e de aprendizado proveniente da convivência pacífica entre todos - independentemente da origem e da história pessoal de cada um (Chalita, 2003, p. 172).

Desse modo, para criar cidadãos sem preconceitos, é preciso começar a educá-los desde crianças, ensinando-lhes sobre o respeito ao diferente por meio de máximas morais, contos e narrativas que instiguem avaliações e conclusões de que todas as pessoas merecem respeito, amor fraterno e tratamento digno. Temos que ensinar as nossas crianças e jovens que a diversidade é extremamente benéfica. (Chalita, 2003). Essa responsabilidade é nossa enquanto sociedade, é nossa enquanto educadores e é nossa enquanto família.

Ao final da história, na etapa de interpretação, perguntei o que os alunos acharam da obra e as respostas foram as transcritas abaixo:

Quadro 2 – Interpretação da obra “O Patinho Feio”

CRIANÇA	INTERPRETAÇÃO
TIANA	Eu gostei muito, mesmo já conhecendo a obra, a senhora contou de um jeito que nos fez ter outros olhares;
EMÍLIA	Eu amei. Achei muito triste no começo ver o cisne lindo, porque ele não era um pato, era um cisne e ele era lindo, então foi triste ver ele sendo rejeitado, desprezado, os outros animais maltratando ele só porque ele não era igual a eles, mas no final é só alegria;
PETER PAN	Eu achei muito interessante, principalmente pela forma como a senhora foi perguntando as coisas para nós, porque eu nunca tinha pensado em como o patinho feio se sentia. Às vezes, esses detalhes da história a gente não percebe;
MOANA	É uma história linda que nos ensina sobre empatia, nos colocar no lugar das outras pessoas e não ser ruins;
TIA ANASTÁCIA	É uma história que fala sobre as diferenças da gente. A gente não é igual a ninguém e como a senhora falou, a gente tem que respeitar sempre a diferença da outra pessoa;

CRIANÇA	INTERPRETAÇÃO
DONA BENTA	No começo, eu achei que não ia gostar da história, porque eu já conhecia, e as histórias que a tia trouxe até agora eu não conhecia nenhuma, mas o jeito que a tia contou e foi perguntando mostrando as figuras, fazendo perguntas que ia fazendo a gente refletir fez a gente ver coisas que a gente ainda não tinha visto.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme exposto, os alunos se surpreenderam com a história, mesmo já a conhecendo, o que reforça que, quando uma atividade tem planejamento, direcionamento e intencionalidade, mesmo sendo conhecida, pode ser explorada. No princípio, quando a obra foi apresentada para a turma, os estudantes foram relutantes, disseram que era uma história que “todo mundo já conhecia” e demonstraram não ter qualquer interesse, mas, como já imaginávamos essa reação, foi feito um planejamento diferente, focando nas emoções do personagem e procurando fazer com que os alunos entendessem o conceito de empatia na prática, relatando voluntariamente suas experiências.

Por fim, foi colocada a música do *Lago dos cisnes* para que as crianças pudessem representar, através da dança, as emoções do Patinho em cada um dos lugares pelos quais ele passou. Foi um momento guiado que aconteceu da seguinte forma: ao passo que a música ia tocando, fomos lembrando aos alunos os locais pelos quais o Patinho passou: “O Patinho Feio chegou no Brejo dos Patos selvagens, mas foi expulso por eles então ele saiu, voou... como ele está se sentindo? Tentem se colocar no lugar dele” e, dessa forma, eles iam se expressando e refazendo os locais pelos quais o patinho passou até chegar ao lago, se encontrar com os cisnes e se reconhecer como um deles.

Os alunos levaram a proposta muito a sério. Para finalizar, perguntamos o que eles acharam da atividade final. Eles disseram: “Achei interessante porque a gente meio que revive as emoções do Patinho nos lugares por onde ele passou” (Mônica); “Eu achei massa! Eu consegui perceber o que ele pode ter sentido: tristeza, medo, rejeição, mas no final ele ficou alegre porque ele encontrou a verdadeira família dele” (Dona Benta).

Seja em casa, seja na escola, Chalita (2003) é categórico:

Temos a responsabilidade e o dever de orientar nossas crianças e jovens para a aceitação do outro, para a compreensão de que condutas preconceituosas ou intolerantes só colaboram para a degradação das relações e para o desentendimento entre

as pessoas. É preciso ensiná-los a respeitar a diversidade como algo inerente a um mundo pluralista, dinâmico, multicultural. Um mundo cuja diferença deveria ser encarada como algo absolutamente natural, consequência direta da variedade geográfica, política, econômica, ambiental e cultural que predomina de forma mais ou menos acentuada nos cinco continentes que compõem o globo terrestre (Chalita, 2003, p. 173).

Concluimos essa mediação ressaltando a importância de nos colocarmos no lugar das pessoas, termos empatia. Dissemos que, se conseguirmos isso, pensar no que o outro pode sentir em determinadas situações, nós vamos agir com mais cautela, vamos falar com mais cautela e, possivelmente, vamos magoar menos aqueles que estão próximos a nós. Ressaltamos a importância de respeitar as diferenças do outro, evitar os julgamentos e sempre lembrar da frase: “e se fosse comigo?” e, dessa forma, encerramos nosso encontro.

Segundo os apontamentos de Antônio Cândido (2011), a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos desse modo, nos humaniza. Negar a fruição da literatura, segundo ele, é mutilar a nossa humanidade.

A leitura literária é importante para a formação humana, conforme pontua Cândido (2011), ela está numa dimensão de formação do ser humano que vive em sociedade, seja das séries iniciais, que é o foco desta pesquisa ou dos anos finais. Ela contribui na formação da criticidade, para o desenvolvimento da empatia e para a construção de pessoas que sejam cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária é um direito de todos e de fundamental importância para a formação do leitor, do sujeito, para o fortalecimento da imaginação e da criatividade. Ela nos permite abordar diversos assuntos, dos mais simples aos mais complexos. Possibilita ainda abordar temáticas do âmbito socioemocional, que é o mote desta pesquisa.

Os contos de fadas, conforme vimos, encantam e emocionam, divertem e ensinam. Os contos de fadas constituem-se como uma atividade educativa que trazem consigo ensino, transmissão de saberes, que podem ser do campo cognitivo, afetivo ou de ambos. Podem contribuir para o fortalecimento da

imaginação, da criatividade, da formação do sujeito e, potencialmente, podem favorecer o ensino de competências socioemocionais, que são o conjunto de habilidades que desenvolvemos para lidar com nossas emoções e com os desafios diários.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os contributos do conto “O Patinho Feio” para o ensino da competência socioemocional empatia. Buscou-se responder a seguinte indagação: quais as contribuições do conto “O Patinho Feio” no ensino da competência socioemocional empatia?

Os achados indicam que empatia é uma aptidão pessoal, uma habilidade que nos permite compreender, ainda que não estejamos de acordo, o ponto de vista de outras pessoas, demonstrando que as estamos entendendo. Vimos que para criar cidadãos sem preconceitos, é preciso começar a educá-los desde crianças, ensinando-lhes sobre o respeito ao diferente por meio de máximas morais, contos e narrativas que instiguem avaliações e conclusões de que todas as pessoas merecem respeito e tratamento digno. Temos que ensinar as nossas crianças e jovens que a diversidade é extremamente benéfica e essa responsabilidade é nossa enquanto sociedade, enquanto educadores e enquanto família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora da graduação e mestrado, professora Dra. Keila Andrade Haiashida, por me ensinar a pesquisar, pela paciência que sempre teve comigo, por me enxergar e acreditar em mim. Gratidão por todos os encontros de orientação, pelas conversas, pelo direcionamento e olhar sensível.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BARBOSA, L. **Caminhos da leitura literária na educação infantil**. Maringá, PR: Viseu, 2019.

BONFANTE, R. **Habilidades socioemocionais na escola**: Guia Prático da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Curitiba: Juruá, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2020.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CAMPOS, J. J.; CAMPOS, R. G.; BARRETT, K. C. Emergent themes in the study of emotional development and emotion regulation. **Developmental psychology**, U Illinois, v. 25, n. 3, p. 394, 1989.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. Cap.1,p.169-191.

CHALITA, G. **Pedagogia do amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. – São Paulo: editora gente, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, R. **Letramento literário**: Teoria e prática. 2ª ed., 11ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

FONTE, P. **Competência socioemocionais na escola**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionário que define o que é ser inteligente. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo**. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2013.

PELICIONI, M. C. F.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 35, n. 10, p. 115-121, 2001.

PEREIRA, S. H. **Educação Emocional e Aprendizagem**. Monografia apresentada à Universidade Candido Mendes. 2002. Rio de Janeiro (RJ). Disponível em: <http://>

www.avm.edu.br/monopdf/6/SOLANGE%20HYATH%20PEREIRA.pdf. Acesso em 12 de set. de 2024.

PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (Orgs.). **Literatura: ensino fundamental**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

ROCHA, R. O patinho feio/ Hans Christian Andersen; Recontado por Ruth Rocha; - São Paulo: Moderna, 2010.

TOLEDO, C. A. A. GONZAGA, M. T. C. (Orgs) **Metodologia e técnicas de pesquisa: nas áreas de Ciências Humanas**. Maringá: Eduem, 2011.

VIEIRA, J. N. S. **A leitura literária como estratégia pedagógica para o ensino de competências socioemocionais e compreensão de emoções básicas**. 2023. 209 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2023) - Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2023. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=111929>. Acesso em: 11 de outubro de 2024.